

A FORÇA DA INDÚSTRIA GOIANA

DIVERSIFICADA E DISTRIBUÍDA POR TODAS AS REGIÕES DO ESTADO, A INDÚSTRIA GOIANA SE MODERNIZA, TORNA-SE MAIS COMPETITIVA E FAZ COM QUE GOIÁS SE DESTAQUE NACIONALMENTE EM CRESCIMENTO ECONÔMICO, NOS NÚMEROS DA BALANÇA COMERCIAL E NA CRIAÇÃO DE EMPREGOS FORMAIS, ENTRE OUTROS INDICADORES. PARA ATENDER À DEMANDA DE UM MERCADO CADA VEZ MAIS EXIGENTE, A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL SUPERA DESAFIOS E CRIA ALTERNATIVAS, GARANTINDO A QUALIFICAÇÃO DO NOVO TRABALHADOR.

**A FORÇA DA
INDÚSTRIA
GOIANA**

OPINIÃO

Consolidar é preciso

"A PALAVRA DE ORDEM É CONVENCER NOVOS INVESTIDORES, DESDE QUE SEJAM PRESERVADAS E TAMBÉM FAVORECIDAS AS EMPRESAS AQUI EXISTENTES"

Minhas atividades como presidente da Fieg levam-me, constantemente, às mais diferentes regiões goianas, possibilitando-me observações que considero importantes sobre o presente e futuro da industrialização do Estado. Em síntese, sob os quatro pontos cardeais, encontramos, atualmente, empresas em pleno processo de produção, outras se implantando ou se expandindo, enquanto se sabe de mais ainda em preparativos para passar das maquetes ao chão de fábrica.

Certamente, foram essenciais nesse salto de desenvolvimento econômico sem precedente entre nós os incentivos fiscais do Fomentar e do Produzir. Segundo os registros oficiais, no último decênio, o revigoramento do primeiro e a aplicação do segundo resultaram na aprovação de mais de 1,2 mil projetos de implantação ou expansão de indústrias, que hoje já enchem os olhos do observador e lhe permitem expectativas otimistas para os próximos anos. O melhor de tudo é que elas fogem à concentração e já exibem uma diversidade aliada ao crescimento se alastrando em todas as direções.

Citando alguns dos fatores que concorrem para o sucesso industrial de Goiás, começamos por suas terras planas e férteis, com ótima luminosidade e água abundante, seu regime regular de chuvas e clima favorável, estimulando e valorizando os investimentos.

Geograficamente, nosso Estado é de fato o coração do Brasil, estrategicamente acessível a todas as regiões brasileiras, na iminência de dispor, em breves anos, da Norte-Sul e de outras ferrovias de integração, que certamente acrescentarão nova dimensão à sua capacidade de escoamento e transporte.

Goiânia, moderna e oferecendo



Paulo Afonso Ferreira

excelente qualidade de vida, está apenas a 200 quilômetros da capital da República, centro das decisões políticas nacionais.

Números e dados mostram-nos o total de quase 13 mil empresas industriais, geradoras de 220 mil empregos formais, tendo como principais segmentos: alimentos, álcool e açúcar, químico e farmacêutico, moda e

eletro-metal-mecânica. Nossa capacidade instalada de esmagamento, refino e embalagem de soja responde por 13,2% da produção brasileira.

A indústria de açúcar e álcool, em suas projeções para 2008, apresenta 28 usinas em operação, 26 em implantação e 47 projetos de outras aprovados mas ainda não iniciados.

A indústria de carnes contabilizou, no ano passado, o abate de mais de 2,8 milhões de bovinos, mais de 1,1 milhão de suínos e mais de 200 milhões de aves.

O pólo fármaco-químico, por sua vez, contava com 23 indústrias e participava com 25% da produção brasileira.

Ponto essencial na atração de investimentos são nossos extraordinários recursos minerais que, neste momento, começam a transformar, econômica e socialmente, regiões como as de Niquelândia e Barro Alto. Níquel, titânio, cobre, nióbio, fosfato, calcário, ouro e amianto são algumas dessas referências.

Nosso parque industrial vai assim do simples ao mais sofisticado, como um setor automobilístico formado por duas montadoras de automóveis e uma de colheitadeiras, produzindo 35 mil unidades/ano, na previsão, para 2012, de 200 mil.

Há de se considerar como poderoso

agente estimulador de tanto crescimento a harmonia e o trabalho conjunto das principais entidades representativas dos setores produtivos, congregadas no Fórum das Entidades Empresariais de Goiás, em diálogo permanente com o poder público. Iniciativa privada e governo estão sempre atentos e ativos nessa missão. Criou-se e se mantém extrema agilidade na interação entre as duas partes. Há facilidade e presteza em se falar com o governador e secretários de Estado, com retorno rápido.

A palavra de ordem é convencer novos investidores, desde que sejam preservadas e também favorecidas as empresas aqui existentes.

No Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil, por sua vez, há verdadeira obsessão de atendimento às indústrias locais ou que chegam. A busca de parceria com todas elas não pára. O Senai, na falta de escolas instaladas nas cidades onde se situam, providencia unidades móveis para lhes garantir preparação de mão-de-obra qualificada. O Sesi leva para seus funcionários programas de lazer, saúde, educação e responsabilidade social. O Instituto Euvaldo Lodi (IEL) lhes oferece qualificação de fornecedores, escolha de talentos, estágios na interação escola / empresa e Benchmarking Industrial, para aprenderem a progredir com as maiores empresas do mundo em seus setores. O ICQ Brasil certifica-lhes qualidade.

Sempre fui um otimista realista.

O crescimento industrial goiano tem tudo para se ampliar e consolidar, a curto, médio e longo prazos.

Façamos a nossa parte, continuando a trabalhar com determinação, sem jamais nos acomodar, na certeza de que sempre podemos fazer melhor do que já realizamos.

PAULO AFONSO FERREIRA É PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS (FIEG)

O Neo Química faz.

Os números mostram.



Compromisso com a Vida

Produzimos 230 milhões de comprimidos/mês, o que equivale a mais de um comprimido por brasileiro.¹



Maior arrecadador de ICMS entre os laboratórios em Goiás.²



Entre os 10 melhores laboratórios do país.³



A maior indústria farmacêutica do Centro-Oeste.⁴



¹Segundo o último censo, o Brasil tem uma população de 189.804.299 - Fonte: www.ibge.com.br - ²Jornal O Popular/2008 - ³Segundo a Revista Exame - Maiores e Melhores 2008. - ⁴TMS HEALTH x Dados Internos.

www.neoquimica.com.br



Compromisso com a Vida



SEGMENTOS

Indústria cada vez mais diversificada

COM SUA GRANDE PRODUÇÃO DE LEITE, GADO, TOMATE, SORGO, ALGODÃO, MINÉRIOS, O ESTADO CONSEGUE MANTER UM DINAMISMO QUE SE DESTACA NO CENÁRIO NACIONAL

Setor sucroalcooleiro, um dos segmentos não tradicionais da economia goiana, em grande crescimento



A diversificação é uma das características fortes da indústria goiana, garantida pela riqueza de matérias-primas de origem vegetal, mineral e animal. Com sua grande produção de leite, gado, tomate, sorgo, algodão, minérios, o Estado consegue manter um dinamismo que se destaca no cenário nacional. Segmentos não tradicionais da economia local vêm ganhando importante destaque, contribuindo para essa diversificação. É o caso, por exemplo, do setor sucroalcooleiro, no qual Goiás tem se tornado pólo de desenvolvimento depois de verdadeiro boom vivido na área.

Também no segmento da indústria metal-mecânica, o Estado assume uma posição importante, com suas montadoras de máquinas e automóveis. E a instalação dessas fábricas significa apenas o começo de um processo de crescimento, pois a indústria automotiva é integrada aos fornecedores, que já estão começando a chegar. O setor farmacêutico foi outro que

experimentou um avanço expressivo nos últimos oito anos. A tendência agora, acredita a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), é de que haja um investimento no desenvolvimento de pesquisas, para fabricação de princípios ativos, que atualmente são trazidos de fora, aproveitando a biodiversidade do Cerrado.

NÚMEROS DO CRESCIMENTO

Quantidade de Empresas e Empregados na Construção Civil de acordo com a classe CNAE 2.0

	Empresas	Empregados
Anápolis	322	1838
Aparecida de Goiânia	464	5143
Catalão	70	305
Goiânia	2.736	21.623
Itumbiara	116	385
Luziânia	99	853
Niquelândia	56	214
Rio Verde	178	1.281
Total	4.041	31.642

A indústria de medicamentos estimula ainda a diversificação de outras áreas agregadas, como a fabricação de cápsulas de remédios e de embalagem. No campo da mineração, extrativa e metalúrgica, o desenvolvimento é crescente, com grandes projetos no Norte do Estado e agora também no município de Montes Claros, que deverá ser explorado pela Votorantim. A alimentação é mais um segmento goiano extremamente variado, com produção de massas, farinhas de trigo, biscoitos, carne, atomatados, conversas em geral e outros, apresentando um enorme potencial.

No total, já são 12.271 indústrias em Goiás, segundo dados da Secretaria

da Fazenda. Mas a situação poderia ser ainda mais favorável com a revitalização de alguns segmentos tradicionais que reduziram sua participação na economia, como o da moda. Sufocado pela concorrência internacional, o setor tenta descobrir o nicho correto do mercado, para competir com preço e tecnologia e conseguir voltar a ocupar uma posição de dinamismo. Também na área de matérias-primas ainda há campo para crescer. Apesar da grande variedade existente no Estado, alguns setores da indústria, como o do couro e da soja, se ressentem da escassez de produtos que poderiam fazer com que eles avançassem ainda mais na produção.

**A FORÇA DA
INDÚSTRIA
GOIANA**

FUTURO

Rumo à inovação tecnológica

COM A FAPEG EM FUNCIONAMENTO HÁ UM ANO E A PERSPECTIVA DA LEI DE INOVAÇÃO ESTADUAL, A INDÚSTRIA PODERÁ SE BENEFICIAR DAS PESQUISAS FEITAS EM UNIVERSIDADES

Ensaando seus primeiros passos nas iniciativas de inovação tecnológica, a indústria goiana deposita suas esperanças na criação da lei de inovação estadual, que se encontra em fase de ante-projeto, para garantir a aproximação das pesquisas universitárias com a iniciativa privada, em benefício da implantação e uso de novas tecnologias. "Estamos ainda engatinhando", define o assessor do Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da Fieg, Nelson Anibal Lesme Orué.

Algumas iniciativas individuais, em indústrias que já estão

trabalhando com tecnologia de ponta e, inclusive, conquistando reconhecimento nacional, mostram que Goiás está mudando nesse campo, mas ainda lentamente. Afinal, a criação de um sistema de inovação esbarra em alguns obstáculos, entre os quais um dos mais graves é a baixa escolaridade do trabalhador goiano e brasileiro, em geral. Dessa forma, o funcionário ainda é valorizado em função de sua força de trabalho e não de suas potencialidades intelectuais.

Por outro lado, a própria iniciativa privada contribui para tornar mais arrastado o processo, na medida em que grande parte das empresas insiste

em tecnologias tradicionais ou métodos imitativos, aponta Nelson Orué. "A gestão empresarial tem de ser modificada. Não conseguiremos inovar com trabalhadores semi-analfabetos e com indústrias sendo imitativas", afirma.

Outro problema que deixou Goiás sem um sistema de inovação foi a demora na criação da Fundação de Amparo à Pesquisa (Fapeg) - o Estado foi um dos últimos do País a criar a instituição. Agora, com a Fapeg em funcionamento há um ano e a perspectiva da lei de inovação, a indústria poderá se beneficiar de parceria com as pesquisas, que vão modernizar as empresas.



**O níquel tem várias aplicações.
A melhor aplicação é no futuro de Goiás.**

Conheça o Projeto
Ferro-Níquel Votorantim Metais.

A Votorantim Metais, empresa do Grupo Votorantim, mantém em Niquelândia-GO, uma usina cuja produção de níquel é a maior do país. O Projeto Ferro-Níquel, que utilizará tecnologia reconhecida mundialmente, vai aumentar essa produção ainda mais. Cresce a produção, cresce também a economia e o desenvolvimento do estado. Uma prova de que o níquel, largamente aplicado em diversos produtos, é também aplicado no progresso de Goiás e do Brasil.

Ficha técnica do projeto de operação

Investimentos: R\$ 558,3 milhões

Produção de Níquel Contido: 10,6 mil toneladas/ano

Produção de Ferro-Níquel: 42,4 mil toneladas/ano

Empregos indiretos: 2000

Empregos diretos: 420

Construção da planta: 2007

Início de funcionamento: 2009

Votorantim 90 Anos
O impossível não tem lugar nesta história

Votorantim
Metais

A FORÇA DA
INDÚSTRIA
GOIANA

DESENVOLVIMENTO



Mineração em Niquelândia, no Norte do Estado: progresso econômico chega a todas as regiões goianas

Crescimento distribuído por todo o Estado

A DIVERSIDADE ESPACIAL AJUDA A FIXAR A POPULAÇÃO, FAVORECE UM CRESCIMENTO MAIS HARMÔNICO E DISTRIBUI BENEFÍCIOS

O eixo Goiânia-Aparecida-Anápolis forma o principal pólo industrial de Goiás, mas não o único. A ampla distribuição geográfica das indústrias é uma característica do Estado, que interfere positivamente no seu crescimento homogêneo, na fixação da população, na melhoria da Educação e das condições sociais. Além das três cidades que formam o eixo ligado à capital, Itumbiara, por exemplo, apresenta uma força produtiva considerável, principalmente na indústria de alimentos. Outros fortes potenciais estão também no Sudoeste do Estado, nos municípios de Rio Verde, Jataí e Mineiros.

O Norte Goiano, por sua vez, prospera com grande projetos de mineração, em cidades como Minaçu, Niquelândia, Novo Horizonte e Barro

Alto, onde está o maior projeto de mineração do Estado. Como consequência, a região está vivendo um enorme desenvolvimento na área comercial, de construção civil, de apoio e manutenção. Já o município de Catalão é pólo de confecção, do setor minero-químico, com sua produção de fosfato e ferro-nióbio, além de sediar uma montadora de veículos. Morrinhos também tem atraído empresas e Buriti Alegre deve se tornar pólo da indústria de alimentos, que certamente será acompanhada de empresas prestadoras de serviço.

Ao mesmo tempo que essa diversidade espacial é extremamente benéfica para o desenvolvimento mais harmônico de Goiás, sem sobrecarregar apenas algumas regiões específicas, ela provoca

também grandes desafios no que se refere à formação profissional e à infra-estrutura. A distribuição das indústrias por variadas partes do Estado faz com que seja necessária a existência de pessoas qualificadas em diferentes segmentos e em diferentes regiões.

Por causa disso, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) tem se desdobrado na formação de profissionais, com uma diversidade ampla de ação e estratégia de qualificação, em alguns casos levando seus cursos para dentro das próprias indústrias, como usinas de álcool e empresas de mineração. O outro desafio, da infra-estrutura, exige também um esforço redobrado para garantir condições ótimas em áreas extremas do território goiano, o que requer elevado investimento.

Crescimento no emprego é um dos maiores do País

A indústria de Goiás vem registrando um crescimento de 7 a 8% no emprego formal ao ano, tendência que começou a se manifestar no início da década e que faz do Estado um dos que mais tem avançado na geração de empregos no setor em todo o País. Contribuem para esse cenário o programa de incentivos fiscais do governo e a própria situação econômica brasileira, que estimula a abertura de novas vagas de trabalho com a abertura e expansão de empresas.

A maior parte dessa mão-de-obra é formada no Estado, graças a um trabalho permanente do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), que atua nos pólos industriais e em parceria com grandes empresas na capacitação de trabalhadores. De seu lado, o Instituto Euvaldo Lodi (IEL) age desenvolvendo fornecedores locais

para que eles se transformem em fornecedores de grandes indústrias instaladas em Goiás.

Nos últimos 12 meses, a variação no número de empregos foi de 7,69%, segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego. O maior crescimento proporcional foi no setor de mecânica, com uma oscilação positiva de 44,93%. De acordo com a tabela de evolução do emprego por atividade econômica, o segmento que mais admitiu em 12 meses foi o de serviços, seguido pelo de comércio. Em terceiro lugar vem a indústria de transformação. O crescimento no número de empregos formais, no entanto, varia de acordo com a época do ano. Até setembro a tendência é de crescimento, e a partir de outubro a estatística começa a mostrar redução, por causa de atividades sazonais,

EM ALTA

Evolução do emprego por subsetores de atividade econômica

EM 12 MESES	
	VARIAÇÃO %
TOTAL	7,69
1 EXTRAT. MINERAL	13
2 IND. TRANSFORMAÇÃO	5,67
3 SERV. IND. UT. PUB.	3,03
4 CONSTRUÇÃO CIVIL	27,92
5 COMÉRCIO	7,18
6 SERVIÇOS	6,41
7 ADM. PÚBLICA	0,7
8 AGRIC. SILVICULTURA	7,34

A indústria goiana é o combustível da economia.

O desenvolvimento dela é a nossa energia.

A força da indústria goiana se deve à visão dos empresários, à garra dos trabalhadores e à atuação do Sistema FIEG. Ele capacita a mão-de-obra, promove inovação tecnológica nas empresas, leva cultura e lazer ao trabalhador e com isso cria um ambiente favorável para a economia alcançar números como estes:

PIB: 25,97%

Empregos gerados: 187.945

Exportação: US\$ 1.811 bilhões

PIB referente a participação da indústria no cenário goiano em 2005. Empregos gerados e exportação referentes até junho/2008.

Sistema Fieg / Ascom

Sistema
FIEG

A FORÇA DA
INDÚSTRIA
GOIANA

ESCOAMENTO

Infra-estrutura, caminho do desenvolvimento



Obras da Norte-Sul em Anápolis: transporte ferroviário vai permitir redução do valor do frete e do custo final do produto

NA ALTERNATIVA RODOVIÁRIA, A SOLUÇÃO PARA O TRANSPORTE DE PRODUTOS GOIANOS A PREÇOS MAIS BAIXOS SERIA A GARANTIA DE ESTRADAS SEGURAS E EM BOAS CONDIÇÕES DE TRÁFEGO

Deficiências na infra-estrutura tornaram o custo do frete brasileiro um dos mais altos do mundo. Essa equação se completa com a somatória de fatores, que incluem preço do combustível, situação das estradas, condições de segurança, falta de ferrovias e de hidrovias.

E dois segmentos da economia sofrem mais intensamente o problema: a agroindústria, que exporta quase 90% do que produz, e a indústria da mineração, cujos produtos são muito pesados e dependem de transporte de baixo valor para conseguir um preço competitivo.

"Para transportar produtos a distâncias até 700 quilômetros o meio rodoviário é adequado. Acima disso e até 2 mil ou 2,5 mil quilômetros a ferrovia é ideal e a partir dessa distância a alternativa é o transporte pela água", define Reinaldo Fonseca, consultor

econômico da Fieg.

A solução, no entanto, está chegando em Goiás, com os projetos do alcoolduto - única forma de viabilizar a exportação do álcool -, e da Ferrovia Norte-Sul. Para mais longo prazo, as expectativas estão nas hidrovias Araguaia-Tocantins e de São Simão, que depende ainda de eclusas para se tornar totalmente navegável, sem limitação de carga.

FRETE

Sem essas providências, o frete continuará pesando muito no preço final do produto, principalmente nos segmentos da agroindústria e da mineração, que normalmente são vendidos a distâncias superiores a mil quilômetros, para os grandes centros brasileiros ou para o exterior.

Diante da situação, o mercado de outros ofertadores que não sofrem os

mesmos problemas acabam sendo favorecidos, pois conseguem preços mais competitivos. É o caso da Argentina, por exemplo, que usa muito o transporte ferroviário e dos Estados Unidos, que se beneficiam da via fluvial para o escoamento da soja.

BALANÇA

Na alternativa rodoviária, a solução para o transporte de produtos goianos a preços mais baixos seria a garantia de estradas seguras e em boas condições de tráfego. Por falta de balanças que disciplinem a carga máxima a ser transportada, as rodovias se deterioram com grande rapidez.

Além disso, as estatísticas mostram que é no transporte rodoviário que se concentra o maior número de acidentes, o que torna necessária a contratação de seguros, encarecendo o frete e o preço final do produto.

**A FORÇA DA
INDÚSTRIA
GOIANA**

INCENTIVOS

Um novo perfil na economia goiana

CONTRIBUÍRAM PARA ESSA NOVA CONFIGURAÇÃO DA ECONOMIA A GARANTIA DE ENERGIA ELÉTRICA, A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA, A INAUGURAÇÃO DO DAIA E OS INCENTIVOS FISCAIS

Com economia baseada na agropecuária até a década de 70, Goiás hoje tem outro perfil. Nos últimos 30 anos, o Estado se industrializou, o que é confirmado por diversos indicadores como a evolução do emprego na indústria, a arrecadação tributária, a participação no PIB nacional e a taxa de crescimento, que no período de 1991 a 2006 foi 47,5% maior que a média do Brasil. Para chegar a essa nova configuração da economia, houve a contribuição de vários fatores importantes, como a garantia de energia elétrica, com a conclusão da primeira etapa da Usina de Cachoeira Dourada, a construção de Brasília e de

rodovias ligando Goiás ao Norte e Oeste do País, a inauguração do Distrito Agroindustrial de Anápolis (Daia) e o surgimento da política de estímulos e incentivos aos investimentos.

A primeira iniciativa de vulto a favor da industrialização é de 1950, informa o consultor econômico da Fieg, Reinado Fonseca, quando o governo estadual tornou-se acionista do Frigorífico Goiás, em Anápolis. No período de 1958 a 68, vigorou a Lei 2000, que concedia isenção do Imposto sobre Vendas e Consignações, o que atriu muitas empresas para o Estado. Em 1972, o governo começou a financiar o

Imposto sobre Circulação de Mercadorias (na época conhecido pela sigla ICM) e a partir do ano seguinte passou a isentar novas indústrias do imposto, pelo período de cinco anos.

Com o Fomentar, em 1984, o financiamento do ICM chegava a 70%. Depois, em 1997, veio o Crédito Especial para Investimentos, que usava parte do ICMS recolhido para novos projetos. Por último, em 2000, veio a Lei do Produzir e seus derivativos, consolidando a política de incentivos fiscais, que ajudou Goiás a se tornar um dos Estados mais promissores do País. .



Algumas pessoas enxergam ouro aqui.

Outras, impostos.

Outras, trabalho.

Outras, desenvolvimento e sustentabilidade.

Nós enxergamos um futuro brilhante para Goiás.

Por isso, estamos investindo cerca de R\$ 72 milhões no negócio da empresa. O resultado não poderia ser melhor: nos últimos anos, os recursos gerados pela Mineração Serra Grande tiveram um aumento significativo, garantindo a geração de trabalho e renda, gerando riqueza com responsabilidade social e contribuindo positivamente para o desenvolvimento do município de Crixás e do estado de Goiás.


SERRA GRANDE

A FORÇA DA
INDÚSTRIA
GOIANA

RESPONSABILIDADE



Tratamento de água na Sama: indústrias cada vez mais engajadas na idéia de produção responsável

De mãos dadas com o meio ambiente

A PREOCUPAÇÃO DA FIEG É DE DISSEMINAR ENTRE AS INDÚSTRIAS A CONSCIÊNCIA DE QUE NÃO HÁ MAIS COMO ATUAR FORA DE UMA VISÃO SUSTENTÁVEL

A indústria viveu uma verdadeira revolução nos últimos anos no que se refere aos cuidados com o meio ambiente e à responsabilidade social. Antes vistas como vilãs e principais responsáveis pela destruição no planeta, as empresas estão assumindo um papel cada vez mais consciente e trabalhando dentro de padrões sustentáveis no uso da água, na destinação de esgoto e lixo, na recuperação de áreas degradadas. Embora ainda existam problemas no setor, eles não têm a mesma dimensão de outros tempos.

Essa mudança de comportamento não surgiu por acaso. Além da consciência adquirida pelos empresários, o próprio mercado passou a exigir uma produção mais responsável, tanto na área ambiental

quanto na social. Alguns compradores, por exemplo, não aceitam mais produtos feitos com madeira, caso sua origem não seja comprovadamente de locais de reflorestamento. Outros rejeitam mercadorias de indústrias que exploram o trabalho infantil ou que empregam operários em condições degradantes.

“As exigências dos órgãos ambientais estão também cada vez mais severas, fazendo com que essa questão seja estratégica para as indústrias”, afirma o coordenador técnico da Fieg, Wellington Vieira. Em um cenário mundial de grandes debates e problemas ambientais, como o aquecimento global, as regras se tornam rígidas e as empresas são obrigadas a se adequar. Segundo Vieira, a preocupação da

Fieg é de disseminar entre as indústrias a consciência de que não há mais como atuar fora de uma visão sustentável.

Os prêmios ambientais que vêm sendo concedidos a iniciativas empresariais são uma prova do avanço conquistado pelo setor, hoje muito melhor informado sobre as conseqüências de atividades produtivas irresponsáveis. Diante desse novo comportamento, as indústrias conseguiram recentemente o benefício da prorrogação do prazo mínimo de validade da licença ambiental, de dois para seis anos. No caso de empresas certificadas com o ISO 14000, as licenças podem valer até dez anos, reduzindo a burocracia e acelerando o desenvolvimento.

**A FORÇA DA
INDÚSTRIA
GOIANA**

QUALIFICAÇÃO

Preparando o novo trabalhador

PARA ATENDER TANTAS EXIGÊNCIAS NOVAS E O GRANDE AUMENTO DA DEMANDA, A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL ESTÁ SENDO OBRIGADA A ORGANIZAR NOVOS MÉTODOS

A indústria mudou, ampliou sua competitividade, se modernizou e o mercado de trabalho está cada vez mais exigente. A nova realidade tornou-se um desafio para a qualificação profissional, que teve de se adequar rapidamente aos novos tempos. Foi preciso flexibilizar horários, readequar conteúdos e otimizar recursos para preparar o novo trabalhador. Se antes era exigido o domínio de poucas operações, eram valorizadas a obediência a ordens e a destreza individual em seu posto, agora a organização do trabalho passa a ser em células de produção em equipe.

"O profissional precisa de saber atuar em conjunto, de ter conhecimento mais amplo do processo produtivo, de ser mais comprometido com o negócio da empresa", define Manoel Pereira, diretor de Educação e Tecnologia do Sesi/Senai. As qualidades mais

valorizadas agora são a criatividade, o relacionamento, a curiosidade do aprender, a capacidade de se adaptar à modernização dos processos produtivos. Para atender tantas exigências novas e o grande aumento da demanda, a educação profissional está sendo obrigada a organizar novos métodos. O Senai criou, por exemplo, o quarto turno, cursos técnicos a distância, unidades móveis e muitas parcerias com as empresas.

Atualmente dez pólos de qualificação estão funcionando em usinas de álcool e açúcar, que vivem um momento de forte expansão no Estado. As oficinas são levadas até as empresas, cujos engenheiros são preparados pelo Senai para atuar como docentes. Para enfrentar outro grande desafio da educação profissional - a deficiência herdada pelo trabalhador do ensino formal, nos níveis fundamental e médio -, o Senai

e o Sesi criaram também o ensino articulado, tentando suprir essa dificuldade com turmas que recebem a educação básica e a profissional, unindo teoria e prática num currículo integrado.

A maior demanda, no momento, é sem dúvida no setor de açúcar e álcool, mineração e ocupações de manutenção, explica Manoel Pereira. Nas ocupações básicas, revela, há muita procura também para cargos de mecânico de manutenção de máquinas industriais, operador de processos químicos, pedreiro de edificações, programador visual gráfico, operador de máquina de costura, soldador e mecânico de veículos automotores. No nível técnico, a maior demanda é no segmento de alimentos, açúcar, álcool, eletromecânica, técnico em rede de dados e técnico em logística de mineração.



Informatização e modernização das indústrias exigem novo perfil de profissional, mais criativo, curioso e comprometido



EXPORTAÇÕES

Recordes históricos na balança comercial

EM JULHO, O DESEMPENHO DA BALANÇA COMERCIAL DE GOIÁS BATEU UMA MARCA HISTÓRICA. AS EXPORTAÇÕES TOTALIZARAM US\$ 643 MILHÕES DE DÓLARES

A balança comercial de Goiás vem batendo recordes atrás de recordes. Em 1998, o Estado exportava US\$ 380 milhões de dólares, valor que chegou a US\$ 3 bilhões 180 milhões de dólares em 2007. O crescimento surpreendente começou com o fortalecimento da política de industrialização, a partir de 99, e foi incrementado pela alta demanda de alimentos por parte da China, principalmente. Com sua economia baseada na agroindústria, Goiás contribuiu para suprir os estoques alimentares no exterior, tanto que a soja e a carne são os itens mais fortes da balança comercial.

Também os altos investimentos em mineração foram importantes para a excelente performance do Estado. O sulfeto de cobre, que há poucos anos não era explorado em território goiano, está entre os produtos mais exportados, para a produção de fios, ligas e condutores elétricos, principalmente. O minério é extraído da mina de Alto Horizonte, pela

Mineração Maracá, e depois encaminhado para metalúrgicas, onde se transforma em cobre metálico.

Por isso, o município foi o maior exportador em 2007. Em segundo lugar ficou Itumbiara, com o complexo da soja, que inclui óleo, bagaço, farelo, além do grão. O sulfeto de cobre é vendido principalmente para a Alemanha, Espanha e Índia. Mas no geral, os principais destinos dos produtos goianos são a China, a Índia, Espanha, Alemanha, Países Baixos, Rússia, Reino Unido, Japão, França e Portugal.

Em julho, o desempenho da balança comercial de Goiás chegou a marcas históricas. As exportações totalizaram US\$ 643 milhões de dólares, o maior valor desde quando começaram a ser registradas as estatísticas do setor. Também o saldo comercial (exportações menos importações) foi destaque no mês, representando 9,77% do saldo nacional, participação que nunca

DESEMPENHO			
BALANÇA COMERCIAL			
Mês	Exportações	Importações	Saldo
Janeiro	232.965.525	201.952.224	31.013.301
Fevereiro	198.753.413	158.332.065	40.421.348
Março	188.789.944	216.913.489	-28.123.545
Abril	383.449.286	220.520.714	162.928.572
Maior	436.810.580	263.380.838	173.429.742
Junho	370.486.913	366.965.850	3.521.063
Julho	643.535.265	320.068.673	323.466.592
Total	2.454.790.926	1.748.133.853	706.657.073

DOS PRINCIPAIS COMPRADORES - JULHO 2008			
Ranking	Países	Valores US\$ FOB	Part. do total exportado
1º	China	217.120.049	33,7%
2º	Índia	72.343.634	11,2%
3º	Espanha	56.752.934	8,8%
4º	Alemanha	42.127.182	6,5%
5º	Países baixos	37.701.912	5,9%

superou o índice de 2%. Comparativamente a julho de 2007, o aumento do saldo foi de 199%.

O papel das micro e pequenas empresas

Representando 98% do total das empresas em Goiás e 57,2% dos empregados com registro formal de trabalho, as micro e pequenas empresas desempenham papel fundamental no desenvolvimento econômico do Estado, apesar das dificuldades históricas relacionadas à qualificação de mão-de-obra, perfil dos empresários, informatização e tecnologia, acesso a mercado e crédito. No campo das indústrias, elas apresentam uma atuação representativa, com 7.278 dos 57.341 estabelecimentos do porte registrados em 2007.

O diretor de Administração e

Finanças do Sebrae em Goiás, Humberto Rodrigues de Oliveira, lembra que vários projetos voltados para a indústria têm sido desenvolvidos. "Por meio deles, o Sebrae, seus parceiros e a sociedade detectam qual é a demanda local, planejam as ações e focam na medição dos resultados, tendo a noção de como, em quanto tempo e quanto será investido para a execução do projeto", afirma Humberto Oliveira. Entre os setores beneficiados, estão o de apicultura, cerâmica vermelha, confecções, calçados, tecnologia da informação, moveleiro, audiovisual.

O Sebrae acredita que não há como se falar de desenvolvimento do setor industrial sem uma participação forte das micro e pequenas empresas, pelo fato delas serem uma solução para geração de emprego e renda e desenvolvimento sustentável. Por isso, um conjunto de medidas tem favorecido o crescimento das chamadas MPes. No campo legal, por exemplo, a aprovação da Lei Geral possibilitou um tratamento diferenciado para o segmento. Assim, torna-se mais viável resolver questões de acesso a mercado, inovação e tecnologia, simplificação de registro e escrituração e desoneração tributária.